

A FORMAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Romilda Del Antonio Taveira¹

Resumo

O objetivo deste breve estudo é demonstrar, por meio de pesquisa bibliográfica, alguns aspectos históricos e linguísticos da formação da língua inglesa, destacando a influência de Shakespeare e a tradução da Bíblia do Rei James, que aconteceram na passagem do Inglês Médio para o Inglês Moderno.

Palavras-chave: Formação da língua inglesa. Inglês Médio. Shakespeare. Bíblia do Rei James.

Abstract

This brief study aims to demonstrate, by analyzing data from a literature search, some historical and linguistic aspects of the English language formation, highlighting Shakespeare's influence and King James' translation of the Bible, both present in the transition from Middle English to Modern English.

Keywords: English language formation. Middle English. Shakespeare. King James' Bible.

1 Aspectos históricos

Quando falamos o provérbio popular “nem tudo o que reluz é ouro”, estamos reproduzindo uma fala da personagem Príncipe de Marrocos da peça *O Mercador de Veneza*, escrita por William Shakespeare, no século XVI. Segue um trecho do ato II, cena VII, em que consta o provérbio:

All that glitters is not gold;
Often have you heard that told:
Many a man his life hath sold
But my outside to behold:
Gilded tombs do worms enfold.

Muitas expressões, palavras e provérbios criados por Shakespeare sobrevivem até os dias atuais, porém a língua inglesa que conhecemos atualmente passou por três fases, a saber: Inglês Antigo (de 450 a.C. a 1150), Inglês Médio (de 1150 a 1500) e Inglês Moderno (de 1500 até o presente). As datas são meras referências ao longo da história, porque as línguas são dinâmicas e não podemos precisar com exatidão as datas do término de uma fase e início da subsequente. A Grã-Bretanha, ou apenas Bretanha, refere-se às regiões geográficas da Inglaterra, Escócia, País de Gales e o Norte da Irlanda. Segundo Silva (2005), existem evidências da presença de humanos na Bretanha em 250.000 a.C., mas as alterações climáticas da Era Glacial não permitiram o estabelecimento efetivo de assentamentos até o ano 3000 a.C. Os primeiros ocupantes da Bretanha, cujos registros estão comprovados por pesquisas arqueológicas, foram os Celtas, que migraram da Europa Central e Ocidental por volta do ano 500 a.C. Houve pouca influência da língua celta na língua inglesa, e a

¹ Professora de língua inglesa e de disciplinas afins no Curso de Letras do Centro Universitário Padre Anchieta.

importância desse povo na história da Bretanha evidencia-se pela preservação de sua cultura e idiomas na Irlanda, noroeste da Escócia e País de Gales.

Os idiomas celtas fazem parte da família de línguas indo-europeias e predominaram na Bretanha até a chegada do Latim, trazido pelo imperador Cláudio e seus quarenta mil soldados no ano 43 da Era Cristã. A romanização da ilha evidenciou-se em vários aspectos, como os banhos romanos, a construção de templos e teatros, a construção de ruas que ligavam importantes centros militares e civis, os sistemas de aquecimento, a pavimentação das ruas em mosaicos, a adoção do cristianismo e o uso do latim. O domínio romano na ilha durou quatro séculos. A língua latina era utilizada como língua oficial, mas não se espalhou o suficiente para substituir os idiomas celtas, que sobrevivem até hoje, sendo que no País de Gales, atualmente 19% da população fala galês (*Welsh*), uma ramificação das línguas celtas. Palavras de origem celta estão presentes nos nomes de rios, como Thames e Avon, cujo significado é rio, e também em nomes de lugares, como Dover, que significa água.

Por volta do ano 499, um fato afetou profundamente a história da Bretanha e, conseqüentemente, a história da formação da língua inglesa. Nessa época começaram as invasões dos povos germânicos denominados Anglos, Saxões e Jutos, os verdadeiros fundadores da nação inglesa. A língua inglesa que conhecemos hoje é o resultado da história dos dialetos falados por essas tribos germânicas invasoras e começou por volta do século V, estendendo-se até o final do século XI. Outras tribos invasoras foram os Vikings, que chegaram à Escócia, Irlanda e Inglaterra em 787, vindos principalmente da Dinamarca. Segundo Borges (2006), eles eram aventureiros grupais, e essa foi uma das causas pelas quais não houve um império escandinavo sendo instalado na ilha; cada grupo era fiel à sua tribo e a seu chefe. Eram excelentes juristas e introduziram a palavra *law* (lei) na língua inglesa. Os vikings usavam métodos violentos para conquistar seus adversários: saqueavam suas riquezas e raptavam os inimigos vencidos, inclusive monges, mas muitos acabavam ficando nas áreas conquistadas e se misturavam com os anglo-saxões. Atualmente, traços da cultura viking são visíveis em York, cidade inglesa fundada pelos romanos em 71. A língua dos escandinavos, denominada *Old Norse*, contribuiu com aproximadamente 1.000 palavras na língua inglesa. Elas incluem *landing, score, fellow, take, get, give, they, them, their*. As influências mais marcantes ocorreram no verbo *to be*: a substituição de *sindom* por *are* e a terminação do -s nas formas verbais da terceira pessoa do singular no tempo verbal do presente simples, por exemplo, *turneth*, que passou para *turns* na fase Inglês Médio (CRYSTAL, 2010).

Outro fato importante na história da Inglaterra aconteceu em 1066. A ilha sofreu a invasão dos normandos, povo da Normandia, que hoje pertence à França. Os normandos

venceram os ingleses na Batalha de Hastings e ocuparam a Inglaterra por 200 anos, introduzindo palavras relacionadas a nobreza, política, religião, lei, artigos de luxo e alimentos cozidos, que foram incorporadas à língua inglesa, como, por exemplo, *parliament*, *prison*, *justice*, *saint*, *diamond*, *pork*, *beef* e *mutton*, estes últimos substituindo os substantivos *pig*, *cow* e *sheep* do inglês antigo. Durante esses dois séculos de ocupação francesa na Bretanha, “é como se as letras inglesas ocorressem de modo subterrâneo”, conforme Borges (2006). Havia uma miscelânea de falares: a corte falava francês, o clero empregava o latim e o povo falava quatro dialetos do saxão que se misturavam com o dinamarquês dos escandinavos Vikings.

2 Características linguísticas

O inglês antigo, denominado *englisc* não era uma língua uniforme, pois variava de uma região para a outra, mas uma característica comum a esses falares eram as flexões e a forte predominância de vocabulário germânico. As flexões variavam para indicar as categorias gramaticais. Substantivos, adjetivos e pronomes tinham desinências nominais para indicar gênero, número e grau, e os verbos utilizavam desinências para indicar tempo e modo. Citamos um exemplo do verbo regular *love* no passado simples: *lufode*, *lufodest*, *lufode*, *lufodon*, respectivamente: *I loved*; *you* (singular) *loved*; *he loved*; *we*, *you* (plural), *they loved*.

Os manuscritos do começo do século XII até a metade do século XV evidenciavam ampla variedade linguística e transformações gradativas no sistema gramatical, que passou do uso de flexões para o sistema de ordem de palavras sujeito, verbo e objeto (SVO), como é atualmente, dando início à fase Inglês Médio. Segue exemplo de um trecho da obra *The Canterbury Tales* (Os Cantos da Cantuária), de Geoffrey Chaucer, escrita no período de 1386 a 1400. A obra é composta de uma coleção de histórias e é considerada uma das consolidadoras da língua inglesa pelo uso regular da estrutura SVO nas orações. Na obra, cada história é narrada por um peregrino de um grupo que realiza uma viagem de Southwark (Londres) à Catedral da Cantuária, para visitar o túmulo de São Thomas Becket, mártir da igreja católica. O trecho que segue abaixo, reproduzido de Mabillard (2000), faz parte da história *The prologe of the Mannes Tale of Lawe* (*The Man of Law's Prologue*), escrito em Inglês Médio, seguido da tradução para o Inglês Moderno, e exemplifica a terminação comum de plural *-ges*, como em *wynnynges* e *tydynges*, a forma verbal *knowen*, resquício do Inglês Antigo que desapareceu com o tempo, e a ordem sintática SVO, como em *Ye seken lond and see*.

Ye seken lond and see for your wynnynge,
As wise folk ye knowen all th'estaat
Of regnes; ye been fadres of tydynges
And tales, bothe of pees and of debaat.

You seek land and sea for your winnings,
As wise folk you know all the estate
Of kingdoms; you be fathers of tidings,
And tales, both of peace and of debate.

No século XVI, período conhecido como Renascimento, houve um interesse pelas ciências, medicina e artes. As descobertas de Copérnico e a exploração da África e das Américas influenciaram sobremaneira a língua inglesa, principalmente no vocabulário. Como não havia palavras na língua inglesa para denominar os conceitos científicos, humanísticos e estéticos e nem para denominar as invenções vindas da Europa, os escritores começaram a emprestá-las de outras línguas. Por exemplo, as palavras *balcony*, *carnival*, *opera*, *violin*, *sonnet*, *lottery*, *design*, entre outras, foram incorporadas à língua inglesa por influência do italiano (CRYSTAL, 2010).

Foi nessa época que William Shakespeare saiu de sua cidade natal, Stratford-upon-Avon, para tentar a sorte como escritor e ator em Londres. Estudiosos da história da formação da língua inglesa concordam que a contribuição dele foi marcante para o estabelecimento do Inglês Moderno. Ele inventou um quarto do vocabulário da língua inglesa devido à sua capacidade de brincar com a língua, adicionando prefixos, sufixos, transformando nomes em verbos e vice-versa. Ele criou palavras como *bubbles*, inúmeras palavras compostas como *puppi-dogges*, *faire-play*, *giant-world*, *baby-eyes*, *ill-tunned*, entre outras, e inúmeras expressões idiomáticas como a *foregone conclusion*, *it's Greek to me*, *I make my day*, *love is blind*. Há registros de palavras que foram usadas pela primeira vez nas obras de Shakespeare e que sobreviveram no Inglês Moderno, tais como *assassination*, *coutless*, *courtship*, *premeditated*, *laughable*, *submerged*, entre outras. (CRYSTAL, 2010). Outra característica da linguagem de Shakespeare era o emprego de uma palavra de determinada classe gramatical com a função de outra. O exemplo que segue ilustra o emprego da palavra *channel* (substantivo) como verbo: *No more shall trenching war **channel** her fields...*

No Renascimento, outra influência importante na formação da língua inglesa foi a publicação da tradução autorizada da Bíblia do Rei James, por volta de 1611. Tratava-se de uma tradução do original grego e hebraico para o inglês, e os tradutores almejavam uma tradução que fosse apreciada e entendida por todos os cristãos. Na verdade, essa tradução não foi determinada por nenhum parlamento, mas foi designada como a leitura obrigatória nas

igrejas, influenciando a língua inglesa. Embora tenha sido considerada uma tradução conservadora, com arcaísmos e ressonâncias do passado, como verbos irregulares nas suas formas antigas: *digged, gat, spake, holpen*, a tradução contribuiu na formação da língua inglesa com a tradução e popularização de expressões idiomáticas bíblicas, tais como *go from strength to strength, can the leopard change its spots?, money is the root of all evil, fight the good fight*, entre outras. (CRYSTAL, 2010).

Essa tradução da Bíblia contribuiu com oito mil palavras novas, menos da metade do total de contribuições da obra de Shakespeare, mas ambas foram significativas na formação da língua inglesa, especificamente na fase de transição entre o Inglês Médio e o Inglês Moderno.

William Caxton foi o responsável por introduzir a imprensa na Inglaterra em 1476, e o seu mérito foi padronizar a língua inglesa, facilitando a expansão do vocabulário, a regularização das flexões e da sintaxe, além de diferenciar a linguagem escrita da falada. Como havia vários dialetos da língua inglesa, ele teve de escolher a variedade de inglês a usar nas suas publicações e nas inúmeras traduções de autores clássicos gregos e romanos e se decidiu pelo inglês falado na região de Londres, porque essa era a linguagem utilizada pelos comerciantes, além de ser entendida no norte e no sul da Inglaterra. As traduções eram difíceis porque a língua inglesa não tinha palavras equivalentes a muitos termos estrangeiros, então ele as emprestava de outras línguas. Recorreu ao latim (*area, peninsula, notorious, capsule*), ao grego (*catastrophe, tragedy, skleton*), ao italiano (*sonata, soprano, violin*) e ao francês (*passport, detail, entrance*), aumentando significativamente o vocabulário da língua inglesa. (FRAENKEL, 2002).

A história da formação da língua inglesa é um assunto vasto, e muitas outras considerações poderão ser feitas em estudos futuros, tais como pesquisar *The Great Vowel Shift*, uma significativa alteração nos sons que afetou a pronúncia das vogais longas da língua inglesa, ocorrida durante os séculos XV a XVIII.

No presente artigo, destacamos que a língua inglesa que conhecemos hoje é originária principalmente dos falares das tribos germânicas que invadiram a Bretanha a partir de 499 e destacamos alguns aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos dessa formação.

Atualmente o Inglês é considerado a língua franca das instituições, além de permitir que os países se comuniquem uns com os outros. O Inglês atual é a língua da tecnologia, da pesquisa, do progresso, das ciências, da música e do cinema e acreditamos que ocupará essa posição por longos anos.

Referências

BORGES, Jorge Luis. *Curso de literatura inglesa*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CRYSTAL, David. *The Cambridge encyclopedia of the English language*. 2. ed. Cambridge: CUP, 2010.

FRAENKEL, Anne et alli. *English language: life and culture*. New York: McGraw-Hill, 2002.

MABILLARD, Amanda. *Shakespeare's Language*. Shakespeare Online. 20 Aug. 2000. Disponível em: <<http://www.shakespeare-online.com/biography/shakespearelanguage.html>>. Acesso em: 4 abr. 2015.

SHAKESPEARE, William. *The merchant of Venice*. Disponível em: <<http://shakespeare.mit.edu/merchant/merchant.2.7.html>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

SILVA, M. Alexander. *Literatura inglesa para brasileiros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.

Obras consultadas

A SHORT description of old English. Disponível em: <http://oldenglishteaching.arts.gla.ac.uk/Units/3_Description_of_OE.html>. Acesso em: 1 abr. 2015.

BAUGH, C. Albert; CABLE, Thomas. *A History of the English language*. 4. ed. London: Routledge, 1993.

CROWTHER, Jonathan. *Oxford guide to British and American culture*. 2. ed. Oxford: OUP, 2005.

GOWER, Roger. *Past into present: an anthology of British and American literature*. Londres: Longman, 1990.